

RAIMUNDO DE MENEZES

Dedicado, biógrafo e dicionarista

Caio Porfírio Carneiro

Ele imigrou para São Paulo, deixando a sua Fortaleza, no início da década de trinta. Levou a vida inteira como delegado de polícia, no início em cidades do interior paulista, depois na capital, onde se aposentou.

Mas o cearense Raimundo Álvaro de Menezes nunca foi, no fundo, um policial. Guardo a impressão de que sempre empurrou a carreira com a barriga, porque pouco nos contava da sua longa vida de delegado e o seu tipo bonachão era o oposto ao de um profissional dessa carreira. O seu mundo era outro: a literatura. Deixou uma bagagem enorme, onde se incluem antologias, reportagens sobre escritores célebres, biografias e, como arremate, o monumental *Dicionário Literário Brasileiro*, lançado, em primeira edição, em cinco volumes, posteriormente em um apenas, com quase mil páginas e mais de cinco mil verbetes, de Anchieta a escritores de hoje. Muito o ajudei na fase final, para lançamento da obra. Atualizei mais de uma centena de verbetes, remeti cartas-circulares para não sei quantos escritores do país inteiro solicitando seus dados biobibliográficos. Foi um trabalho de louco, com a ajuda de Antônio Cândido, Artur Neves, Aureliano Leite, Cecília Edelweiss Saraiva, Clóvis Garcia, Fernando Góes, Henriqueta da Fonseca Saraiva, Rodrigues Crêspo, Leonardo Arroyo, Manuel Albano Amora, Oliveira Ribeiro Neto, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Rolando Morel Pinto, Walter Spalding, Antônio Luís V. de Ribas Leitão e Inês de Almeida Madeira, para que o dicionário, que Raimundo vinha organizando pacientemente há mais de dez anos, saísse com um mínimo de falhas possíveis. Pensou em desistir mais de uma vez:

- Não adianta. Os verbetes sobre os falecidos não têm problemas, mas os dos vivos envelhecem rapidamente. É um nunca acabar de atualização.

Pura verdade. Só levou a empreitada à frente quando a Editora Saraiva dispôs-se a publicar a obra. Tão cara era que a editora precisou do patrocínio da União de Bancos Brasileiros S/A. Foi quando formou esse time e o dicionário saiu em grande estilo, em 1969. Sucesso ime-



Raimundo de Menezes

diato. Alguns nada cobraram para colaborar. Eu recebia alguns caraminguás, creio que verba da editora, que nos pagava por seu intermédio. Nunca perguntei. O dinheiro era pouco, mas o entusiasmo era enorme. Fernando Góes, encarregado de revisar os verbetes das escolas literárias, me dizia:

- A merda deste dicionário tem que sair. A partir dele virão outros, melhores. Este é o alicerce. Ninguém fez nada igual no Brasil.

O Raimundo, que os mais íntimos chamavam de Raimundão, era um tipo robusto, corado, cara redonda, mediano de altura. Parecia um burocrata por trás dos óculos e dos gestos calmos. Organizado, metódico, gostava de tomar uma ou duas doses de uísque nas rodas de amigos. Pouco falava, concordava sobre tudo e sorria. Não parecia nada brilhante. Tinha qualquer coisa de simplório, porque até quando se discutia sobre um livro de sua autoria – *a Vida e Obra de José de Alencar*, por exemplo – abria o sorriso de condescendência ou indiferença e pouco ou nenhum palpite dava.

Mesmo comportamento demonstrou quando ocupou, por vários anos, dois terços do regime militar, a presidência da União Brasileira de Escritores. Exercia o cargo não digo sem autoridade, mas sem entusiasmo, com aquela maneira incolor referida. Todas as quartas-feiras me telefonava para saber se havia alguma coisa a ser discutida em reunião de diretoria:

- Caio, temos alguma novidade hoje?

la levando, ia levando. Mas o seu nome e prestígio foram utilíssimos numa época em que a mão forte da ditadura fiscalizava tudo, particularmente os que pensavam. Sucedeu ao dr. Oliveira Ribeiro Neto e na presidência da entidade foi ficando. Colocar quem, naqueles dias negros, no lugar dele?

Éramos muito bons amigos. Não apenas porque fôssemos conterrâneos, mas porque eu era uma espécie de seu auxiliar pessoal. Quando ia fazer uma palestra no interior, pedia-me para acompanhá-lo. Nunca, durante os muitos anos em que presidiu a UBE, eu na secretaria administrativa, tivemos a menor divergência. Quando surgia qualquer falha no andamento dos trabalhos, por culpa minha, e vinha reclamação de algum sócio ou diretor, defendia-me imediatamente. Nunca me deu uma ordem de cima para baixo, o que me injetava mais ânimo de atendê-lo prontamente.

Era assim a sua maneira de ser, de aceitar as pessoas.

Morta a segunda esposa, a boa dona Lourdes, sofreu uma outra vividez, pior que a anterior, porque já estava bem mais velho, e a filha única desse segundo matrimônio, muito jovem, não foi uma boa companhia. Vítila de uma pequena operação, aparentemente boba, lá se foi o Raimundão nos seus mais de oitenta anos, já nos inícios da abertura política, nascido que foi, em Fortaleza, em 1903. Pertencia à Academia Paulista de Letras e uma escola pública do Estado de São Paulo recebeu o seu nome.

Foi, para além do pesquisador, do biógrafo, do dicionarista, um homem bom, um homem de bem.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, poeta, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Bloco do Bem

Rosani Abou Adal

Fevereiro é o mês do Carnaval. Inúmeros blocos saíram às ruas nas cidades brasileiras. Dizem que o País só funciona depois da referida data festiva.

Estamos montando nosso bloco carnavalesco para, também, começar a trabalhar.

Convocamos leitores, colaboradores, assinantes, clientes e amigos para participarem do nosso *Bloco do Bem* que estará nas ruas todos os dias.

Partirá dos nossos corações e seguirá em todas as direções, subindo e descendo morros e ladeiras, para levar a nossa arte literária em todas as casas, praças, ruas e avenidas.

Vamos matar a fome de leitura de todos os brasileiros.

Dar e doar livros, jornais e revistas engrandece quem faz a boa ação e enriquece os seres que ganham.

Inúmeras iniciativas de estímulo à leitura são desenvolvidas em todos os rincões do nosso País.

Destacamos o *Projeto Poesia Viva - a poesia viva bate à sua porta*, desenvolvido por Andreia Donadon Leal, em Mariana (MG).

Praticando tais ações estaremos contribuindo para a construção de um mundo melhor, mais digno de se viver.

Como dizia o saudoso Monteiro Lobato: "Um País se faz com homens e livros."

Vamos fazer do nosso Brasil o melhor País para se viver, com mais Literatura e Cultura.

O *Bloco do Bem* agradece em nome de todas as pessoas carentes de leitura e Cultura.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.



ÁRVORES DA MINHA CIDADE

Raquel Naveira

Que ar de fazenda. É por isso que minha cidade, Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, foi eleita a mais arborizada do país. Uma terra toda feita de árvores e de lembranças.

Os ipês com suas copas abertas e arredondadas revestem-se de cores. As flores caem formando tapetes roxos, dramáticos. Imagino sempre um cervo de alta galhada pastando pétalas, ruminando com olhos doces.

Os flamboyants, que dão nome a um bairro inteiro, flamejam em chamas de um vermelho-alaranjado. Novo Pentecostes em línguas de fogo sobre o verde rendado que se move ao vento. Todas as folhas terão seu momento de ver o sol, de beber crepúsculo, de sorver a luz.

Esse corredor de flores na avenida que mais parece um cartão-postal, um quadro impressionista, um sonho cor-de-rosa? Avenida que leva o nome de Ricardo Brandão, o advogado e jornalista que lutou pelos direitos humanos e que ficaria lisonjeado com essa homenagem das melancólicas quaresmeiras.

Da mesma família das quaresmeiras são as paineiras. Prefiro as brancas, que soltam flocos de algodão, painas que encham os travesseiros como amor de mãe, leite de lívida nata tirado no curral, asas de anjos, maná caído do céu.

Por toda parte espalham-se figueiras, a cada esquina, a cada quintal. Figueiras que crescem enérgicas, lenhosas, rebeldes e retorcidas, prenhes de látex, de larvas e vespas. Abrigam aves, símios e morcegos presos aos pequenos figos como se fossem seios. O figo é uma fruta sagrada, que cresce na Terra Prometida juntamente com o trigo, a cevada, a uva, a romã, a oliveira e a tâmara. A figueira é citada em muitos textos bí-

blicos: Adão e Eva, percebendo-se nus, coseram folhas de figueiras e fizeram cintas; Jesus amaldiçoou a figueira improdutiva, fazendo-a secar e seu sentido profético e profundo anuncia o fim do mundo. Oriundas de minúsculas sementes, essas figueiras orientais estenderam suas ramadas e folhas de cinco pontas na direção deste oeste brasileiro.

Nas minhas mais antigas recordações, não podem faltar as manjeiras com seus corações amarelos, como essa junto ao grande e luminoso shopping; as jaqueiras com suas frutas enormes, pesadas, ovários de flores, bagos grudados na casca que parece um tatu; os ingás com suas longas vagens e caroços de polpa branca e adocicada. Tive uma infância de árvores carregadas, de um mundo tão rico que apodrecia ao meu redor.

Lembrei-me de Alberto Caeiro, o heterônimo de Fernando Pessoa ligado à natureza e às sensações, quando ele se pergunta que metafísica têm as árvores. Talvez a de serem verdes e terem ramos, de darem frutos espontâneos a cada estação. A melhor metafísica é a das árvores que não pensam, que não sabem para que vivem, nem sabem que não sabem. Apenas cumprem seu destino de árvores. A beleza falando por si mesma, quando as palavras falham. Essência e potência em grau máximo. Árvores solitárias, perfeitas e puras.

Concentro-me no verde das árvores. Broches fincados no peito de cimento da cidade, entre prédios e luzes. Parou de chover. Ficou lavado o ar de fazenda da minha cidade.

Raquel Naveira é escritora, poeta e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Pen Clube do Brasil e Doutora em Literatura Portuguesa pela USP.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 84,00

semestral: R\$ 42,00

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
linguagemviva@linguagemviva.com.br
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

O mito da impotência revisitado

Ronaldo Cagiano

Autor revelação e Vencedor do *Prêmio São Paulo de Literatura 2012* (na categoria estreante com menos de 40 anos) com o romance "Antiterapias" (Ed. Scriptum, BH.), nessa obra Jacques Fux realizou um trânsito onírico entre a memória e a invenção, mapeando a cultura e os valores judaicos a partir de uma história em que a vida foi sendo deslindada com requintes de fantasia e ironia.

Nesse projeto, percebe-se o intenso flerte com a filosofia e o humor, dialogando com as ciências (entre elas, a matemática e a psicanálise) e as inquietações metafísicas, para falar da relação de um personagem com um mundo povoado de valores e mitologias, numa espécie de percurso crítico sobre questões inquietantes da própria vida individual, com reverberação do inconsciente pessoal e coletivo, na esteira de um profundo mergulho no passado e nas próprias lembranças, culminando num estranhamento para o leitor.

Em seu segundo livro, *Brochadas* (Ed. Rocco, Rio, 2015), Fux busca aprofunda, com a mesma agudeza seu senso cri(pt)ico e escrutinatório, já em outro cenário, o da masculinidade afetada, o leitmotiv para uma viagem, também filosófica, crítica e bem-bumorada, a um tabu tão explorado pela piada e raro num tratamento literário, o da brochada. Nesse particular, o autor utiliza-se de topônimo judaico para criar um protagonista que busca entender suas trepadas inglórias, o Jacozinho, ao qual dá vez e voz para elencar os episódios brochantes ocorridos nas suas relações amorosas.

Para amalgamar o relato, o autor usou o precioso recurso das analogias históricas, que vão da Bíblia à Tora, do mundos da arte ao da política, em que exuma casos de brochadas de célebres e antológicas, de personalidades de todos os tempos e lugares, numa tentativa de demonstrar que essa débacle sexual e essa falência inexplicável do tesão é mais comum do que parece.

Como nomeia o autor logo de entrada, "No princípio era a brochada", numa clara alusão aos primórdios dessa tão decantada (e detestada) falha de desempenho sexual, Fux delinea seu romance intercalando a troca de farta correspondência entre o personagem e suas namoradas (ou vítimas de suas brochadas), com referências históricas e acadêmicas sobre o assunto, discussão que, muitas vezes, culmina em troca de farpas entre os antigos parceiros.

Num fluxo candente de e-mails entre Jacozinho e as ex-namoradas, vão desfilar situações inusitadas, lembranças, reminiscências de encontros (e desencantos), oscilando entre o desabafo e a autorreferência, que, ao fim, incorre num encontro de contas entre as partes afetadas. No caso, Agnes, Alice, Carla, Deborah, Juliana, Jacqueline, Leah e Sarah são as coadjuvantes acionadas por esse escrutínio desesperado do fálico (e falível) Jacozinho, as quais sentindo-se vítimas das revelações do personagem, que lhes comunica a escritura de um romance em que abordará a questão com suas confissões sexuais, acaba desencadeando reações de variado grau de insatisfação ou de contundente repúdio, uma vez que sempre atribui a elas a parcela maior da culpa pelo fracasso da virilidade.

Entre a ironia e o escárnio, o autor empresta à sua obra um debate peculiar, na medida em que realiza uma simbiose entre a inflexão científica e a sutileza do deboche, para tratar de um assunto espinhoso até nos consultórios de psicanálise, mas tudo permeado de uma linguagem intrinsecamente literária, que carrega sopros ensaísticos e inegável nível estético. Dos gregos aos contemporâneos, de políticos a artistas, ninguém escapa a essa minuciosa prospecção de casos no imenso aluvião dos corpos cavernosos que deixaram o candidato ao prazer literalmente na frustrante condição de machos de bandeira arriada.



Jacques Fux

Transcendendo o humor, a caricatura e a gozação, *Brochadas* ultrapassa as fronteiras da fantasia e da realidade e transforma essas "confissões sexuais de um jovem escritor num livro para ser levado a sério tanto quanto o trauma da impotência, porque trata de um tema que atravessa todos os tempos e lugares, num espectro amplo, que vai do social ao cultural, do político ao econômico, mas que continua movimentando o imaginário geral, como um eterno desafio para o homem comum e os especialistas na relação com esse passivo erétil que tanto atormenta os homens (e mulheres) na iminência de um coito frustrado (a libido em baixa), que nenhum Viagra é capaz de reverter.

Se o autor adverte ao leitor que "Tudo aqui é verdade, exceto o que invento", também não é mentira

que brochar continua sendo o momento crucial que coloca em cheque a supremacia masculina diante de uma compulsória negação peniana, mas que, com boa dose de humor e compreensão das razões psicológicas que culminam nessa sensação desagradável de um homem declarar que "isso nunca aconteceu antes comigo", pode ser vencida e enfrentada com espírito, sem pudor e com discernimento e também com uma boa dose de leitura, como a de "Brochadas", em tudo estimulante.

Ronaldo Cagiano é escritor, autor de *Dicionário de pequenas solidões* (Língua Geral, Rio, 2006), *O sol nas feridas* (Dobra, SP, 2012) e *Eles não moram mais aqui* (Patuá, SP, 2015), dentre outros, reside em São Paulo.

LIVRARIA BRANDÃO

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

DOIS MONARQUISTAS ILUSTRES

Rui Ribeiro

No ato da proclamação da República, o poderoso visconde de Ouro Preto (1836-1912) foi destituído da presidência do Conselho de Ministros do império e, um dia depois, seu amigo general Couto de Magalhães (1837-1898) entregou, de maneira pacífica, o comando do governo da província de São Paulo à junta provisória composta por Prudente de Morais, Rangel Pestana e o tenente-coronel Joaquim de Souza Murça. Encerrava-se assim a longa carreira política dos dois eminentes homens públicos que, prestigiados por D. Pedro II, desempenharam importantes funções durante a monarquia.

Orador impetuoso e argumentador sagaz, Ouro Preto (Afonso Celso de Assis Figueiredo) foi senador por Minas Gerais, Ministro da Fazenda e da Marinha durante a guerra do Paraguai, organizando a esquadra naval para os combates. Deixou numerosos trabalhos jurídicos, financeiros e históricos, alguns dos quais, reeditados, ainda podem ser encontrados, como são os casos de "Discursos", publicado pela Câmara dos Deputados em 1978 e "A marinha de outrora", que teve uma segunda edição em 1981. Monarquista convicto, irredutível, defendeu durante toda a vida a volta da monarquia como solução ideal para o equilíbrio da nação, classificando o advento da República como golpe militar. Ao retornar ao país depois de exílio em Portugal, passou a lecionar na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, graças a seus amplos conhecimentos jurídicos. Duas obras traçam o perfil des-

sa figura ilustre do império: "O visconde de Ouro Preto – excertos biográficos" (1935), escrito pelo filho Afonso Celso e "Ouro Preto: o homem e a época" (1949), de Hermes Vieira.

Desdobram-se em múltiplas direções os caminhos percorridos por Couto de Magalhães. Ampla polivalência presidiu o conjunto de sua atuação, que conciliou interesses empresariais e especulações financeiras, diletantismos de sertanista, atividades de literato, historiador, militar e antropologista e de tantos outros ramos do conhecimento. O dicionarista Sacramento Blake o descreve como "Alma grande, generosa, aberta sempre à caridade, por haver em 1893, sem mistério algum, praticado o ato meritório e humanitário de dispor de uma parte de sua grande fortuna com a fundação de hospitais de sangue no sul do Brasil, foi preso por ordem do marechal Floriano (Peixoto...)". Além da província de São Paulo, administrou também as de Goiás, Pará e Mato Grosso, em cuja gestão comandou as tropas que reconquistaram, na Tomada de Corumbá, o território invadido pelos paraguaios. Face ao desempenho brilhante nos campos de batalha, recebeu patente militar honorífica, que ostentou orgulhosamente pelo resto da vida. Foi também aventureiro corajoso, percorrendo os sertões do platô central, sempre interessado no estudo das populações selvagens. No livro "Viagem ao rio Araguaia" (1863) descreve de maneira pitoresca as características daquela região inóspita. A imprensa o chamou de louco e visionário no empreendimento com que, em seguida, pretendeu estabelecer navegação a vapor naquele



Visconde de Ouro Preto

le rio acidentado por saltos e cachoeiras. Dentre os livros que publicou mais relevante é o "Selvagem" (1876). Encomendado por D. Pedro II com o objetivo de figurar na Biblioteca Americana da Exposição Universal do Centenário da Independência dos Estados Unidos, a obra contém descrições minudentes dos aspectos da vida do índio brasileiro, suas crenças, costumes e lendas além de teorias do autor para a integração do gentio na sociedade brasileira e sua utilização como "elemento de adaptação do branco nos climas intertropicais". Na verdade, parece se tratar do reaproveitamento do "Ensaio antropológico", que publicara em 1874, acrescido de Curso de Gramática Tupi, idioma que o autor dominava, e amoldado aos propósitos do imperador em valorizar o índio como o "mais fiel representante da nacionalidade brasileira". Aliás, pelo desempenho demonstrado nas pesquisas folclóricas, o autor é considerado o precursor do gênero no país.

No campo dos negócios, Couto de Magalhães obteve concessão para construir a estrada de ferro sul-mineira, ligando as cidades de Cruzeiro/SP a Três Corações/MG, em associação com empresários e banqueiros ingleses. Centraram-se na capital paulista outras iniciativas variadas do irrequieto empreendedor, como a de sócio-fundador da Sociedade Promotora da Imigração, ligada a setores da cafeicultura; a de exportador de couros; a de sócio de diversas indústrias; a de acionista-diretor do Banco de São Paulo. Em sua casa, no Bairro de Ponte Pequena, às margens do rio Tietê, construiu observatório astronômico, que seria mais tarde doado à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Investiu ainda no ramo imobiliário, adquirindo, em 1896, uma gleba de 120 alqueires, nela instalando a Chácara do Itahi (pedra pequena, em tupi). Através de sucessivos loteamentos, promovidos por proprietários posteriores, parte da área deu origem ao nobre bairro paulistano de Itaim Bibi. A expressão "Bibi" foi tirada do apelido pelo qual era conhecido o médico Leopoldo Couto de Magalhães, irmão do general, que adquiriu o imóvel a um herdeiro deste, em 1907.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Encontrados por acaso, os manuscritos do “Diário Íntimo” de Couto de Magalhães foram publicados em 1998, precedidos de criterioso estudo feito pela professora Maria Helena P. T. Machado. Abrange o período de 1880 a 1887 e se compõem de uma miscelânea de apontamentos, como agenda de compromissos, relação de endereços e anotações diversas sobre assuntos do cotidiano. De permeio, há uma parte eminentemente intimista reveladora de contraste entre a figura serena e garbosa do general, sempre retratado em trajes militares, e o homem apreensivo assaltado por temores e preocupado com a saúde e a integridade física. A autoprescrição de remédios e a obediência a regimes alimentares rigorosos confirmam a exacerbada hipocondria do autor, em constante vigilância para a preservação dos órgãos vitais. Os registros evidenciam ainda as leituras do estudioso interessado nos clássicos gregos e latinos, assim como nos textos médicos, entre eles a obra de Hipócrates, inclusive o “Tratado dos sonhos”, que muito o influenciaram nas reflexões e fantasias.

Reveste-se de grande importância o segmento do diário que se refere à experiência onírica. Nessa atividade, Couto de Magalhães preocupa-se em analisar e registrar seus sonhos, intuindo pela existência de região da mente situada além dos limites da consciência. Os aspectos da sexualidade e do homossexualismo incidentes são registrados na língua tupi, com algumas palavras empregadas no sentido figurado, ou em código secreto indecifrável, visando ao resguardo perante a moral e o espírito religioso da época.

Meses após o falecimento do amigo, o visconde de Ouro Preto homenageou-o com o vibrante artigo “José Vieira Couto de Magalhães – subsídios para uma biografia”, estampado na Revista do Arquivo Público Mineiro – Ano III (1898). Movi-do pela admiração cultivada em longa amizade, descreve, emocionado, as qualidades observadas no “administrador, viajante, explorador, industrial, militar, escritor, sábio, patriota, homem de coração.” Revela aspectos curiosos da personalidade singular do rico filho das elites e poliglota que se comprazia



divulgação

Couto de Magalhães

em “cismar, embalando-se numa rede, enquanto camaradas tocavam viola e entoavam cantigas sertanejas” (e que também) “...era tocador de viola e violão, e cantador de lundus e modinhas.”

A vida dinâmica de Couto de Magalhães, repleta de feitos invulgares, e os traços de sua excentricidade despertaram a atenção de estudiosos em biografias que se completam, sem entretanto esgotarem as fontes para novas pesquisas. Ao estudo elaborado pelo visconde de Ouro Preto, outros se seguiram, atingindo o século passado e o atual: “O Brigadeiro Couto de Magalhães” (1936), de Aureliano Leite; “Couto de Magalhães: a vida de um homem” (1970), de Miguel Jorge; “Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães 1880-1887” (2009), de Márcio Couto Henrique; “Couto de Magalhães – o último desbravador do império” (2005), de Helio Moreira.

O cavalheiro culto, mas que “Sentia-se melhor no rancho do tropeiro que no palácio dos potentados.”, faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado em São Paulo. Guarnece seu túmulo, no cemitério da Consolação, escultura idealizada pela artista plástica Nicolina Vaz de Assis Pinto Couto, inspirada no livro “O selvagem”, símbolo de uma luta em defesa da comunidade indígena.

Rui Ribeiro é escritor, advogado e autor de Notas de Realejo - estudos sobre literatura e MPB, entre outros livros.

Cássio Junqueira e a sua cantata diversa

João Barcellos

Não é a primeira vez que fico diante da lírica produzida n’alma de Cássio Junqueira, e já o celebrei em público...

Entretanto, ficar diante não é o mesmo que me inserir no contexto, passar do estar ao ser – a pessoa que vivencia, goza, interpreta. Ora, a poética deste brasileiro é uma cantata diversa cujos fundamentos não se buscam somente na eterna releitura do “quando canto/ é que me rebelo/ com o desencanto”, porque ele é aquilo que os modernistas de 22 queriam mostrar – e que o notável poeta luso-brasileiro Francisco Igreja conseguiu sintetizar em livro publicado pela Edicon sobre aquele evento histórico – e o fizeram sem a necessária ruptura que o ato cultural exige, i.e., desentranhar a vera alma do ser-estar Brasil em cada verso cantado a pulsar nas veias. Um exemplo? Aquele Camões épico é o retrato do escriba vendido no tapete vermelho dos quereres reinóis, mas o lírico é o poeta por inteiro a dizer de si e do mundo... Sim, e é este Cássio Junqueira que reencontro nos seus 40 Sonetos, o poeta da autêntica lira, que “...segue o caminho como quem canta.../ um canto de amor que, belo, transgrida/ tudo quanto queira negar que encanta/ qualquer vivência”.

Desentranhar a vida é reler o que somos/fomos pelo essencial da arte na sobrevivida, como cantava Fernando Pessoa, por isso “ façamos nós da vida uma festa;/ os sofrimentos se farão por si”, como escreve o próprio Junqueira, não a justificar a noética pessoaona, mas a demonstrar que o eixo amor-vida é um humaníssimo percurso – e, pelo amor vivido/ sofrido é que ele nos oferece esta cantata diversa que nos faz escutar em fundo um chorinho da inigualável Chiquinha Gonzaga.

Ler a coleção de 40 Sonetos do inquieto, amorosamente inquieto Cássio Junqueira, é ter acesso à veia lírica da pessoa brasileira no seu todo sociocultural, pois, não se canta somente o Eu..., quando o canto vem ele transporta Outros e Outras no campus da vida vivida!

João Barcellos é poeta, escritor, historiador e romancista. Foi agraciado com o Prêmio Clío de História.



divulgação

Cássio Junqueira

Roberto Scarano

Advogado

OAB - SP 47239



Execuções
Família

Cível
Trabalhista

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

No palco, a tensão do mundo

Alice Spíndola

A violência urbana.
O grito de perigo.
Homens e mulheres sofrem.
O inesperado acontece.

Perfis feridos.
O ser humano
atacado no que há
de mais íntimo.

Há a dor
Há o crime.
Há a urgência
de calar o grito
preso na garganta.

A vida pede socorro.
Urge que unamos as mãos.
O mundo
nos convoca.
Sejamos o exemplo.

Alice Spíndola é poeta, contista, tradutora e artista plástica.

A Escola

Raymundo Farias de Oliveira

A sineta retina
Agitada pela mão
De seu Meireles
Meninos e meninas
Dispersavam-se
Em correrias
Pelas ruas arenosas
Do povoado
Eram aves em liberdade
Com seus gorjeios de alegria
Deixando a escola de tábuas
Num silêncio
De ninho abandonado...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta
e Procurador do Estado aposentado.

O Chocolatão

Bombonieri

R. Quinze de Novembro, 1123
Piracicaba - SP - Tel.: (19) 3433-2095

LEVEZA

Maria de Lourdes Alba

Nos espaços leves de teus dedos
Que acariciam como seda
Extraíndo o mel
Doce puro meu

E os seus olhos
Que de tão próximos ficam
Penetram na minh' alma
E me abrem os lábios
Num sorriso

Convitativo
Presente
Eterno

E na eternidade deste sentimento
Que me leva a vida a viver
Te sinto inteiro imenso
Amor

Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora e pós-graduada em Jornalismo.

Amor

Débora Novaes de Castro

Ouro,
diamante,
águas das cachoeiras,
montanhas grávidas do sol,
prados multicores,
gorjeios matinais.

Graça, paz
cajado de pastoreio,
bordão do caminheiro,
farol dos navegantes
em mares de tormentas,
consolo, dedicação.

Prece,
esperança,
entrega, sublimação,
veio de águas cristalinas
rumando ao infinito,
dor, redenção.

Rosas,
espinhos,
pedra dos altares
à luz do candeeiro da vida.
Amor é simplesmente
AMOR!

Débora Novaes de Castro, da Academia Paulista Evangélica de Letras,
Academia Cristã de Letras e Mestre em Comunicação e Semiótica-PucSP

Concursos

CONCURSO DE TROVAS 2016, "Cidade Saúde", "Guarapari". "Minha Cidade", promovido pelo Clube dos Trovadores Capixabas, está com inscrições abertas até o dia 31 de maio, para trovas líricas ou filosóficas ou humorísticas.

O tema para Âmbito Nacional/Internacional é "Cidade Saúde" - Brasil e países de língua portuguesa. Para Âmbito Estadual (Estado do Espírito Santo) é "Guarapari". Âmbito Regional/Estudantil: (Guarapari - Poetas da cidade e Estudantes do Ensino Fundamental e Médio): "Minha Cidade". Nos âmbitos Nacional/Internacional e Estadual serão contemplados trovadores das categorias Novo Trovador e Veterano.

Os interessados poderão enviar até três trovas por tema, digitadas e inéditas, para cj-anna@bol.com.br ou para CTC - Clério José Borges - Rua dos Pombos, 2 - Eurico Salles - Carapina - Serra - ES - 29160-280.

As trovas, bem como, a categoria pela qual concorre o trovador deverão constar no corpo do e-mail ou do envelope postado.

Premiação: Troféus para os três primeiros colocados em cada categoria e diploma para os 20 classificados em cada categoria. A entrega dos prêmios será realizada na abertura solene do XII Congresso Brasileiro de Poetas Trovadores, no dia 1 de Julho, na Cidade de Guarapari, em Espírito Santo.

Informações: cj-anna@bol.com.br - CTC - Clério José Borges - Rua dos Pombos, 2 - Eurico Salles - Carapina - Serra - ES - 29160-280. Telefone: (27) 3328-0753 - 99257-8253 - 99649-9888.

3º CONCURSO INTERNACIONAL DE LITERATURA DA ALACIB - 2016, promovido pela Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil, de Mariana-MG, está com inscrições abertas até o dia 20 de maio.

Categorias: Infantil (até 12 anos), Juvenil (de 13 a 17 anos) e Adulto (a partir de 18 anos).

Os interessados poderão inscrever uma crônica ou poesia, inéditas, digitadas, com tema livre, em Português ou Espanhol, com no máximo duas laudas para poesia e três para crônica. É obrigado o uso de pseudônimo.

Premiação: O primeiro colocado de cada categoria terá o seu trabalho publicado em revista da ALACIB e receberá diploma, medalha e um KIT de livros da Editora Aldrava Letras e Artes.

Informações: deialeal@jornalaldrava.com.br - ALACIB - Rua Dom Frei José da Santíssima Trindade, 22 - Bairro São José - Mariana - MG - 35.420-000. **Regulamento:** www.jornalaldrava.com.br/Doc/Regulamento_Concurso_Internacional_Lit_ALACIB.pdf



Xavier

Livros

A Rua da minha Meninice, Raymundo Farias de Oliveira, RG Editores, 116 páginas, São Paulo, SP.

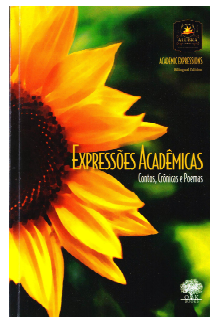
ISBN: 978-85-7952-102-7

O autor é escritor, poeta, cronista, ensaísta, romancista e Procurador do Estado aposentado.

A obra reúne poemas ricos em imagens, lapidados de palavras cinematográficas. O ritmo poético determina a cadência das cenas.

A sensibilidade é eternizada em "Doçura", página 33: "A noite / se fez doce / e calma / na eternidade / do nosso / amor."

RG Editores: www.rgeditores.com.br



Expressões Acadêmicas - Academic Expressions -, contos, crônicas e poemas, antologia bilingue português e inglês, 180 páginas, Editora OAK Books, São José dos Campos (SP).

ISBN: 978-85-69634-02-7

O obra foi organizada por Haroldo Barbosa Filho e a versão para o inglês é de Fernando Carvalho Barbosa e de Cecília B. Silveira-Marroquin. Reúne contos, crônicas e poemas de autores de língua portuguesa.

Aricy Curvello, colaborador do *Linguagem Viva*, marca presença com o poema *O Acampamento (The Camping)*, páginas 128-135, que já foi traduzido para o francês, espanhol, italiano e inglês. Para

o alemão, o lançamento está marcado para setembro na Feira do Livro de Berlim - Alemanha.

O livro reúne trabalhos dos membros da Academia Luminescência Brasileira e de autores especialmente convidados.

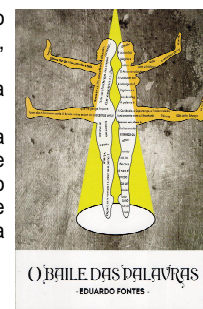
Editora OAK: oakeditora@inbox.com

O Baile das Palavras, poemas de Eduardo Fontes, Expressão, Gráfica e Editora, Fortaleza (CE), 96 páginas. ISBN: 978-85-420-0632-2.

O autor é escritor, poeta e membro fundador da Academia Fortalezaense de Letras.

Segundo Jorge Tufic, membro da Academia Amazonense de Letras e da Academia Acreana de Letras, "O Baile das Palavras", de um nobre amigo e grande poeta Eduardo Fontes, reúne o que de melhor me parece que ainda existe nesta saga da poesia brasileira."

Expressão Gráfica e Editora: arte@expressaografica.com.br



Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - 97382-6294

portsonia@ig.com.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589



Myriam Fraga

Myriam Fraga, escritora e diretora há 30 anos da Fundação Casa de Jorge Amado, faleceu no dia 15 de fevereiro, aos 78 anos, em Salvador (BA). Nasceu em Salvador no dia 9 de novembro de 1937. Exerceu o cargo de vice-presidente da Academia de Letras da Bahia e foi membro do Conselho Federal de Cultura, do Conselho Federal de Política Cultural, do Conselho Estadual de Cultura, do Conselho de Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, do Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia, do Conselho da Fundação Pierre Verger e do Instituto Carybé. Estreou na literatura com *Marinhas*, em 1964, e tem poemas traduzidos para o inglês, francês e alemão.

Lisboa será a Capital Ibero-Americana da Cultura em 2017. A candidatura, apresentada em novembro na qualidade de membro da União das Cidades Capitais Ibero-Americanas, foi aprovada, por unanimidade, no dia 2 de fevereiro. A programação, desenvolvida por instituições culturais da Câmara de Lisboa e pela Casa da América Latina, terá a coordenação de Antônio Pinto Ribeiro.

A Casa Síria, de Cláudia Falluh Balduino Ferreira, foi lançada pela Editora Kiron. A obra conta a história do sírio Merched que, no início do século 20, veio com a família para reconstruir sua vida no Brasil. <http://livraria.editorakiron.com.br/a-casa-siria.html>.

Minibibliotecas foram instaladas na rodoviária e em seis pontos de ônibus em Piracicaba (SP). Construídas em casinhas de madeira, *Piracicaba na Leitura*. Os livros também podem ser emprestados por tempo ilimitado.

O Movimento de Arte Aldravista e o **Projeto Poesia Viva**, de Mariana (MG), foram capa do Jornal *O Tempo*, *Magazine* que também abrigou três páginas especiais sobre a poesia, leitura e a literatura produzida em Minas Gerais.

Notícias

José Renato Nalini, escritor, Desembargador, professor e membro da Academia Paulista de Letras, é o novo Secretário de Educação do Estado de São Paulo. Exerceu o cargo de presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo. É formado em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Direito Constitucional pela Faculdade de Direito da USP.

O Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly De Oliveira Jacobino, prestou homenagem a Edson Rontani e Edson Rontani Júnior, no dia 16 de fevereiro, com a participação do Conjunto Caleidoscópio com Suzi Christophe Furlan, Carlos Roberto Furlan e de Ana Lúcia Paterniani. O Sarau em 2016 será realizado no Anfiteatro da Ciência Florestal, no final da Alameda Principal da Esalq, em Piracicaba (SP).

O GOLP – Grupo Oficina Literária de Piracicaba - realizará reunião no dia 2 de março, quarta-feira, às 19h30, na Biblioteca Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, R. Saldanha Marinho, 333, em Piracicaba (SP).

O CLIP- Centro Literário de Piracicaba - realizará reunião no dia 27 de fevereiro, sábado, às 15 horas, na Biblioteca Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, R. Saldanha Marinho, 333, em Piracicaba (SP).

A Câmara Brasileira do Livro e a **Editora Senac** doaram livros para a Biblioteca Comunitária Casa Azul que está instalada na Associação Casa Azul, na Ilha das Cobras, em Paraty. A doação é fruto da parceria com a FLIP 2015. <http://www.casaazul.org.br/projetos/biblioteca/>

Lygia Fagundes Telles, Leci Brandão, e Mauricio de Sousa foram agraciados com a Medalha 25 de Janeiro da Prefeitura de São Paulo. A láurea foi entregue pelo prefeito Fernando Haddad, no Palácio das Convenções do Anhembi, no dia 25 de janeiro, durante as comemorações do aniversário de 462 anos de São Paulo.

Aroldo Pereira, poeta, ator, compositor, fundador e curador do Salão Nacional de Poesia Psu Poético, participa do projeto *Contextos Literários* com a palestra 30 anos do Salão Nacional de Poesia Psu Poético-Projetos Literários Fora do Eixo Rio-São Paulo, no dia 29 de fevereiro, das 19 às 21h30, no SESC Consolação, no Espaço de Leitura, Rua Dr. Vila Nova, 245, 3º andar, em São Paulo.

A Antologia do 29º Salão Nacional de Poesia Psu Poético, *Poetrikza*, de Aroldo Pereira, será lançada no dia 2 de março, das 19 às 21h30, na Casa das Rosas-Espaço Cultural Haroldo de Campos, Av. Paulista, 37, em São Paulo. Serão apresentados performances e vídeos. No dia 6 de março, das 20 às 24 horas, as atividades serão na Patuscada: Livraria & Café, R. Luís Murat, 40, em São Paulo.

Tons do Rio, livro com mais de 200 fotos do Rio de Janeiro de Lilian Granado e texto de Frederico Mendes, foi lançado pela Réptil Editora. A Coordenação editorial é de Luiza Figueira de Mello.

A Bienal Naífs do Brasil, evento realizado pelo Sesc São Paulo na unidade de Piracicaba, está com inscrições abertas para a 13ª edição até o dia 22 de março. <http://bit.ly/bienalnaifs2016>.

Maurício de Sousa foi agraciado com a medalha Mário de Andrade, pelo Governo do Estado de São Paulo. O prêmio é o maior reconhecimento do estado paulista a personalidades da cultura. A láurea foi entregue pelo governador Geraldo Alckmin, no dia 28 de janeiro, no mezanino do Palácio dos Bandeirantes. Durante a cerimônia foi lançada a revista em quadrinhos *Turismônica*, da Turma da Mônica, que será distribuída para alunos e professores do 1º ao 5º ano da rede pública estadual.

O Governo de São Paulo, a Fundação Roberto Marinho e a organização social ID Brasil, Cultura, Educação e Esporte firmaram nova parceria para a reconstrução do Museu da Língua Portuguesa.

Olho D'Água, revista acadêmica que é mantida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp de Rio Preto, está disponível em formato eletrônico em www.olhodagua.ibilce.unesp.br. O veículo é semestral e publica textos, de autores da Unesp e de outras universidades, escritos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Joana Barauna, escritora e artista plástica, expõe desenhos de nanquim em papel casca de ovo, na mostra *Poética da Criação - homenagem ao Dia Internacional da Mulher*, na Casa de Portugal, Av. da Liberdade, 602, em São Paulo. A abertura da exposição será no dia 8 de março, às 19h30, que ficará em cartaz até o dia 23 de março, das 9 às 17 horas, de segunda a sexta.

Wassily Chuck lançou *Rumo à Vertigem ou a Arte de Naufragar-se*, poemas, pela Editora Ateliê.

Prêmio VIVALEITURA está com inscrições abertas até o dia 13 de março para projetos na área de leitura. Categorias: Biblioteca Viva, Escola Promotora de Leitura, Território da Leitura e Cidadão Promotor de Leitura (pessoa física). O prêmio é realizado pelo Ministério da Cultura e Ministério da Educação, em parceria com a Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura, com apoio do Conselho Nacional de Secretários de Educação, da União dos Dirigentes Municipais de Educação e da Fundação Santillana. Quatro iniciativas serão agraciadas com R\$ 25 mil cada uma. www.premiovivaleitura.org.br.

XAVI

xavierlima@terra.com.br
xavierdelimat@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelimat.wix.com/xavi

